

Dia Internacional das Mulheres

Dia de luta por igualdade de direitos e oportunidades



Quem ama não mata, não humilha e não maltrata. Com palavras de ordem como essa, mulheres vêm lutando há décadas, no Brasil, por mais igualdade e justiça. Protestos contra o feminicídio (o homicídio de mulheres pelo simples fato de serem mulheres) têm crescido em toda a América Latina, e a luta se dá pelo fim da violência e da discriminação de gênero e por diversas outras pautas de cunho social.

Questionar o machismo é lutar também contra qualquer tipo de preconceito, contra o modelo capitalista patriarcal e racista. É garantir a voz e o direito real das mulheres de ocuparem cargos públicos, serem líderes, trabalharem no que sonham, viverem com liberdade e respeito ao seu corpo e sua mente, sem necessidade nenhuma de seguir padrões de feminilidade ou beleza.

O 8 de março foi escolhido como um dia de luta por todas essas causas. Se hoje vemos um crescente aumento da participação das mulheres em cargos de chefia e nas universidades, não

podemos deixar de perceber que ainda há muita desigualdade a ser enfrentada, rumo a uma cultura não machista, a um mundo onde a mulher não seja tratada como inferior, objeto ou posse.

Na aviação brasileira, há décadas as mulheres lutam para garantir igualdade de oportunidades e tratamento. Se no passado as mulheres figuravam principalmente como aeromoças, sempre jovens, magras, altas e belas, ou ficavam escondidas em áreas burocráticas, hoje vemos a presença da mulher em todos os setores, atendendo nos check-ins, atuando na segurança, na mecânica de aviões, na gestão dos aeroportos, no atendimento aos passageiros. Aeromoças viraram comissárias e comissários de bordo e já temos várias pilotos de avião. Mas o assédio e o machismo entre colegas, superiores, e partindo dos próprios passageiros ainda é um obstáculo a ser enfrentado, com a mesma garra com que as mulheres vêm lutando há tanto tempo, até que nenhuma mulher seja subjugada.

Boletim especial do Sindicato dos Aeroviários de Porto Alegre - Rua Augusto Severo, 82
bairro São João - Porto Alegre - RS - CEP 90240-480

Fones: (51) 3343-4302 / 3029-4436 / 3326-0930 - Site: www.aeroviarios.org.br

E-mail: atendimento@eroviarios.org.br - Diretor Resp.: Osvaldo Rodrigues

Editado em 03/03/2017. Tiragem: Mil exemplares.

O conteúdo deste veículo é de inteira responsabilidade da direção do Sindicato.



Sindicato dos Aeroviários
de Porto Alegre **CUT**

Filiado à



Assédio moral e sexual são problemas no mercado de trabalho



Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 52% das mulheres economicamente ativas no mundo já sofreram assédio sexual. Esse número pode ser ainda maior, devido à dificuldade das vítimas em relatar os casos, muitas vezes por constrangimento e pela

dificuldade de provar o assédio.

Outra pesquisa, realizada pelo site Vagas.com, ouviu cinco mil pessoas em todo país e aponta que 80% das pessoas que relatam assédio sexual no trabalho são mulheres.

Engana-se quem pensa que o assédio moral ou sexual se constituem de situações isoladas e que, passado o momento, tudo está superado. As chamadas doenças psicossomáticas são desenvolvidas após este tipo de situação. Elas podem se manifestar em doenças físicas das mais diversas formas, mas são causadas por conta do prejuízo psicológico causado e requerem tratamento adequado.

Seguidamente, o Sindicato dos Aeroviários de Porto Alegre denuncia assédios de ambos os tipos, geralmente cometidos por

quem ocupa uma posição de poder dentro da empresa. É necessário que situações como essa sejam denunciadas ao Sindicato, evitando que voltem a acontecer.

O Sindicato conta com um atendimento psicológico especializado na sede para dar apoio nesse tema, além da assessoria jurídica que está à disposição das trabalhadoras/es.

Os grupos com a psicóloga Inaiara Kersting acontecem às quintas-feiras, em dois horários: das 14h às 15h30min, e das 16h às 17h30min. Já as consultas individuais podem ser agendadas pelo fone (51) 3343-4302. A psicóloga também pode ser contatada pelo whatsapp (51) 99441.5202, ou pelo e-mail ina.sm@terra.com.br.

Quem passa por isso não está sozinho!

Auxílio maquiagem é pauta importante na luta das aeroviárias

Empresas que funcionam com atendimento direto ao público, como é o caso das companhias aéreas, com guichês para check-in nos aeroportos, exigem que suas funcionárias estejam sempre maquiadas.

A exigência faz com que as aeroviárias tenham de arcar com os custos desses produtos, que não são baratos e precisam ser de boa qualidade para serem usados diariamente, impactando muito na renda das trabalhadoras. A reivindicação das mulheres que sofrem essa exigência do uso de maquiagem para trabalhar é importante porque o valor dos

produtos é incompatível com o salário recebido, o que justifica o pagamento ou fornecimento desses itens por parte da empresa, assim como o uniforme.

Entre as exigências das empresas estão unhas e sobrancelhas feitas, batom, rímel, blush e base para pele.

Rafaela Raupp, ex-auxiliar de aeroporto da Gol, ganhou na Justiça o corresponde a cem reais por mês pelos meses que integrou o quadro de funcionários da empresa. O caso pode servir de exemplo para outras aeroviárias que desejam receber esses valores.

Nas últimas campanhas salariais, a Fentac/CUT e seus sindicatos



filiados (inclusive o Sindicato dos Aeroviários de Porto Alegre) têm levado para a mesa de negociação essa reivindicação das aeroviárias, porém até hoje a demanda não foi aceita pelas empresas aéreas. Assim, a luta continua até que o direito seja garantido a todas.

Participe+

O Sindicato é seu aliado na luta contra a opressão de qualquer tipo nos espaços de trabalho, do assédio, desigualdade salarial, sobrecarga, imposição a riscos desnecessários que geram doenças e acidentes. Juntas, somos muito mais fortes para fazer valer a nossa voz e direitos como mulheres trabalhadoras aeroviárias e cidadãs. Participe da entidade, ajude a criar a paridade na nossa gestão e a construir um futuro de mais igualdade, respeito e justiça para todas/os.

Mulher aeroviária: desafios e perspectivas rumo à igualdade

A discriminação de gênero, como outras formas de discriminação, é muitas vezes velada, difícil de apontar, mas sabemos que está lá. No movimento sindical e na aviação, ela continua presente, mesmo que tenhamos obtido inúmeras conquistas nos últimos anos, com o aumento da participação de mulheres em postos de trabalho tradicionalmente masculinos. Na CUT, conquistamos com muita luta a paridade de gênero na direção da entidade e em todos os sindicatos filiados. Mas o fato é que ainda somos minoria absurda nos espaços de poder e cabe à nós, mulheres, apontarmos o preconceito, ampliarmos esses espaços e exigirmos todo o apoio necessário para que as diferenças sejam realmente superadas. Veja abaixo mensagens de mulheres aeroviárias para fortalecer as companheiras nessa luta.

Liberaci Faria, enfermeira da FRB:

“Trabalhei 30 anos na Varig e nunca sofri preconceito contra a mulher. A empresa tratava todos iguais. Mas vejo que em outros lugares existe muita discriminação e isso me dói muito. Desejo que todas as aeroviárias continuem sendo guerreiras e nunca deixem de cuidar de si e da sua saúde.”

Luana Mello, auxiliar de check in:

“A diferença de sermos mulheres no tratamento dos passageiros é nítida. Os machistas se sentem mais confortáveis com homens. Isso tem diminuído nos últimos anos, mas ainda existe. Também gostam de chamar a mulher de linda, e não falam assim com os homens. Para mudar isso, seria importante uma campanha permanente das empresas e da mídia. Nós, mulheres, não podemos desistir. O 8 de março é um dia de luta contra o machismo, mas essa luta se dá todos os dias.”

Diretoras do Sindicato dos Aeroviários de Porto Alegre: é preciso avançar ainda muito mais para garantir de fato a igualdade na aviação e no movimento sindical



Cláudia Louro, diretora do Sindicato:

“Desde a escola de Eletrônica eu enfrentei a situação de ser minoria num universo masculino. Nos empregos, esbarrei em muito preconceito para trabalhar, ser reconhecida, obter promoção. Meu salário sempre era menor que o dos homens e já tive que visitar clientes com um estagiário para que ele ‘atendesse’ o cliente sob minha supervisão. Era chamada de menina e colocada em serviços burocráticos, só por ser mulher, e nada disso tinha a ver com competência. Entrei no Sindicato para me contrapor a tudo isso. Fui a primeira mulher na Executiva e digo às companheiras aeroviárias: não podemos nos acovardar, precisamos unir forças, perceber o assédio e enfrentá-lo.”

Inês Ghedin, diretora do Sindicato:

“Podemos falar sobre o machismo dentro das empresas e até mesmo no mundo sindical, onde somos minoria e, muitas vezes, não somos ouvidas. Quando fui solicitar meu PPP, em 96, fiz igual ao de um colega homem, cujo documento já tinha sido assinado pelo RH. O gerente não quis assinar o meu, alegando que eu não poderia, sendo mulher, estar fazendo o mesmo PPP do meu colega. Após muita conversa e insistência minha, ele assinou. São inúmeros os obstáculos que as mulheres enfrentam, mas não podemos ceder à injustiça.”

A Reforma da Previdência é um ataque cruel às mulheres

Os argumentos do governo atual de que a Previdência Social é deficitária são uma enorme mentira. A reforma da Previdência visa atender apenas aos interesses da elite brasileira e, se aprovada, irá escravizar o povo, pois vai inviabilizar que as pessoas se aposentem.

Os números da Previdência, segundo a Anfi, demonstram que a seguridade social, em 2014, foi superavitária em 53,9 bilhões.

O que o governo não diz é que muitas empresas e latifundiários sonegam ou são isentos de impostos, e que os recursos da seguridade são desviados para pagar a dívida pública. É essa conta negativa que o governo quer que o povo pague agora.

Se aprovada essa reforma, as mulheres, a população negra e a população rural serão as mais prejudicadas. Isto porque a Previdência Social tem um papel

essencial no combate à pobreza e às desigualdades. Há estudos que apontam que a inexistência de benefícios previdenciários irá aumentar a pobreza entre as idosas de 6,6% para 56,8%.

A quantidade de trabalhadoras/les brasileiros na ativa ainda é suficiente para manter a previdência sem um ajuste tão dramático e injusto.

A reforma que a elite quer aprovar fará com que mulheres e homens só possam se aposentar com 65 anos, e somente caso tenham contribuído sem intervalos desde os 16 anos de idade. Deixaremos idosos à deriva com essa reforma, agricultores sem condições de arcar com a Previdência da sua família, e as mulheres, que ainda dão conta de dupla ou tripla jornada, ainda mais abandonadas.

Dados do INSS revelam que somente 27% das mulheres se

aposentam por tempo de serviço: a maioria se aposenta por idade. As mulheres negras estão ainda mais sujeitas ao desemprego e à rotatividade no trabalho.

Mulheres ainda ganham em média 30% a menos que os homens. Categorias que hoje têm direito à aposentadoria especial, como os professores, também serão enormemente prejudicadas. Ou seja, nossa realidade já cruel ficará ainda pior com a reforma.

A reforma que o Brasil precisa é uma reforma incluyente, que permita ao trabalhador/a informal contribuir, e cobre de quem é devido o pagamento dos valores que o governo diz que precisa. A Previdência Social pública, universal, que distribui renda a quem mais necessita, de forma solidária, está por um fio. Precisamos ir às ruas defendê-la antes que seja tarde demais.

(Com informações da ong SempreViva Organização Feminista)

Mas afinal, o que é o feminismo?

Há várias correntes desse movimento, mas se fossemos resumir-lo em alguns princípios, poderíamos dizer que o feminismo luta pela igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Começou com a luta pelo direito à educação, ao trabalho, ao voto, à guarda dos filhos.

No Brasil, de 1500 a 1822, as mulheres eram propriedade de seus pais, maridos, irmãos.

O direito à educação começou a ser reconhecido só durante o Império (1822-1889), sendo a ativista Nísia Floresta a fundadora da primeira escola para meninas no Brasil. Em 1907 e 1917, ocorreram greves (como a das costureiras) marcando a luta das mulheres por melhores condições de trabalho (jornada de 8h, abolição do trabalho

noturno) e salário igualitário.

Em 1922, ampliou-se a luta pelo voto feminino. A primeira mulher a votar no país foi Celina Viana, em 1928, em Mossoró-RN. No mesmo ano, foi eleita a primeira prefeita, Alzira de Souza, em Lajes-RN. O direito ao voto para as mulheres brasileiras, no entanto, só foi garantido no governo Vargas, em 1932. Anos depois, foi criada a lei do divórcio.

A luta por igualdade é necessária até hoje, seja na proteção contra a violência doméstica, na equiparação salarial, pelo fim do assédio, pela descriminalização do aborto, pela divisão das tarefas domésticas, por uma representação na mídia que contemple a diversidade feminina sem estereótipos e que não transforme a mulher em produto,

pela valorização da voz da mulher e da sua participação política e social.

O Dia 8 de março foi escolhido pela ONU, em 1977, como o Dia Internacional das Mulheres em referência a uma greve de mulheres, ocorrida em 1911, em uma fábrica nos EUA. Cerca de duas semanas depois, um incêndio na mesma fábrica vitimou 146 pessoas, dessas 125 mulheres. Não é um dia de comemoração, mas de homenagem e luta por igualdade e justiça para todas as mulheres do mundo.



Com informações da SempreViva Org. Feminista, Carta Capital e Carta Educação